

para os amigos, e quando lhe pediram que se apresentasse na comemoração do aniversário de George Washington na igreja metodista John Street, ele ficou encantado.

"De repente me pareceu que minha vida tinha um sentido místico", disse o sr. Dubois. "Repeti a oração e, não sei por quê, senti o espírito do velho George. Quando terminei a oração o pregador me passou uma nota de um dólar — e nela havia um retrato de George."

O sr. Dubois comprou um uniforme colonial de um ator amigo seu. Devido, porém, a seus constantes compromissos, raramente ele o recebe de volta da lavanderia a tempo de usá-lo na apresentação seguinte. Como interpreta Washington o ano inteiro — Dubois é contratado para o Dia da Bandeira, o Dia da Constituição e muitas outras datas comemorativas —, descansa muito pouco.

Mas ele sempre arranja tempo para visitar hospitais à noite. Nos hospitais ele procura alegrar os pacientes com suas imitações de cachorros, de carros, barcos a vapor e aviões; as crianças do hospital Bellevue adoram suas imitações, sendo muito mais capazes de apreciá-las que os antigos patrocinadores do sr. Dubois. Elas lhe deram um nome — "Dr. Alegria" — e nem imaginam que milhares de nova-iorquinos o vêem como o primeiro presidente do país.

Joe Barbagallo, barbeiro-chefe das Nações Unidas, sempre conseguiu manter boas relações com o Oriente e com o Ocidente, adotando uma política de não discutir, não interromper o interlocutor e não fazer corpo mole no serviço. Alguns dos mais importantes diplomatas do mundo têm a maior confiança em sua tesoura, admiram-se com a sua rapidez, e relaxam confortavelmente sob sua navalha. Já lhe telefonaram de Washington para

marcar hora e, uma vez em sua cadeira, quase nunca lhe dizem como deve fazer o seu trabalho; o sr. Barbagallo não lhes diz como dirigir as Nações Unidas e não espera que lhe digam como cortar cabelo.

Os doze anos que passou cortando cabelo nas Nações Unidas lhe ensinaram, entre outras coisas, que os cabelos dos russos devem ser cortados curtos, acima das orelhas; os dos franceses, compridos no alto da cabeça e curtos na nuca; os dos britânicos, bem longos na nuca e cheios nas costeletas; e o dos chineses, bem curtos em cima, dos lados e na nuca.

"Tem gente que me diz como quer que corte seu cabelo", confessa o sr. Barbagallo, "mas nove em cada dez vezes as instruções estão erradas. Eu concordo com eles, mas faço como me parece certo. Ao cortar sempre menos cabelo do que o cliente pede, dificilmente erro."

Ele lista entre seus clientes fiéis líderes como Trygve Lie ("só uma aparadinha"); Dag Hammarskjöld ("cabelo muito fino, tem que ir com calma"); Andrew W. Cordier ("curto dos lados e atrás"); dr. Ralph J. Bunche ("só um pouquinho em todos os lados"); e Henry Cabot Lodge ("apare um pouco em volta das orelhas, mas não curto demais").

Raramente, ou nunca, se discute política na cadeira do sr. Barbagallo. Como quer manter sua política de esplêndido isolacionismo, com os ingleses ele fala principalmente sobre crquete, com os americanos, sobre o tempo, com os italianos, sobre mulheres.

Quando a ONU inaugurou sua sede em Lake Success, Joe Barbagallo, que trabalhava no Queens, candidatou-se para trabalhar e foi contratado "a título de experiência". Nunca saiu oficialmente desse período de "experiência", e lá continua ele todos esses anos, da forma mais discreta possível, em sua pequena sala no edifício do Secretariado.